

15a
edição

Um Pinel à brasileira: Franco da Rocha e a reorganização da assistência a alienados na cidade de São Paulo.

Por: William Vaz de Oliveira

E-mail: willianvaz@yahoo.com.br

Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: Francisco Franco da Rocha é, sem dúvidas, um dos principais nomes da psiquiatria brasileira. Nascido na cidade de Amparo, interior de São Paulo, no ano de 1864, desde cedo já demonstrava interesses pela medicina. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro ingressou na Faculdade de Medicina apresentando interesses particulares pelo ramo da Psicopatologia, o que marcaria toda a sua carreira como um dos principais alienistas brasileiros. Após terminar os seus estudos na capital federal da República, retornou a São Paulo aonde iniciou uma forte campanha a favor da reorganização da assistência aos alienados, defendendo a necessidade da construção de um estabelecimento moderno exclusivamente destinado ao tratamento dos doentes mentais. Dessa campanha surgiu o Hospício de Juqueri, um dos maiores e principais hospitais de alienados do Brasil. Neste artigo procuro mostrar o papel assumido por Franco da Rocha na reorganização da assistência aos alienados em São Paulo, bem como as suas contribuições para o desenvolvimento da medicina mental no Brasil.

Palavras-chave: Franco da Rocha, Psiquiatria, São Paulo.

Abstract: Francisco Franco da Rocha is without doubt one of the top names in Brazilian psychiatry. Born in the city of Amparo, São Paulo, already showed early interest in medicine. When he moved to Rio de Janeiro-joined the Faculty of Medicine presented by business interests of Psychopathology. Interest that would mark his career as a leading Brazilian alienists. Returning to Sao Paulo, after finishing his studies in the capital in the late nineteenth century, mounted a strong campaign in favor of the reorganization of care the alienated, defending the need for a modern building exclusively for the treatment of the mentally ill. This campaign broke the Hospice of Juquery, one of the largest and alienated from the major hospitals in Brazil. In this paper I show the role played by Franco da Rocha in the reorganization of care for the insane in Sao Paulo.

Keywords: Franco da Rocha, Psychiatry, Sao Paulo.

A História da assistência aos alienados no Estado de São Paulo, assim como em outros diversos estados brasileiros, é fortemente marcada pela violência, exclusão e intolerância ao doente mental.[1] Também contou com a subsequente criação de diversas instituições para resolver o problema referente aos maus tratos e condições de insalubridade.

A psiquiatria brasileira no século XIX baseou-se na psiquiatria francesa que se orientava pela assistência sem preocupação direta com o desenvolvimento no campo da pesquisa científica. A descontinuidade desse modelo ocorreu no início do século XX quando as idéias da psiquiatria alemã começaram a ganhar espaço no pensamento psiquiátrico brasileiro, sobretudo a partir da nomeação de Juliano Moreira para a direção do Hospital Nacional de

Alienados no Rio de Janeiro em 1903 e da inauguração do Hospício de Juqueri, em São Paulo, em 1898. Segundo Cristiana Facchinetti: “Com a entrada de Juliano Moreira como diretor do HNA, em 1903, implantou-se um novo modelo asilar, com suas formulações acerca da doença mental, critérios de classificação e embasamento médico e terapêutico advindos da psiquiatria alemã”. [2] Nesse sentido, a alienação deixou de ser percebida apenas do ponto de vista moral passando a ser compreendida pelo seu viés orgânico, como decorrente de deficiências, lesões ou disfunções do organismo e do aparelho psíquico.

Se no Rio de Janeiro, a descontinuidade do modelo assistencial presente no hospício deveu-se, sobremaneira, ao pensamento de Juliano Moreira, em São Paulo a descontinuidade com o modelo puramente assistencial deveu-se, sobretudo, a Franco da Rocha que já no final do século XIX pensava em elevar o hospital de Juqueri ao patamar das instituições psiquiátricas mais modernas. Para pensar como se deu essa descontinuidade é preciso voltar um pouco na história dos saberes psiquiátricos na cidade de São Paulo desde a criação de sua primeira casa específica para “guardar doidos”. [3]

A Institucionalização da Loucura em São Paulo

O primeiro hospício para doentes mentais do estado de São Paulo foi fundado em 1852, em uma casa situada à Rua São João, nas proximidades da atual Praça da República. Assim, o “asilo Provisório” de São Paulo foi fundado no dia 14 de maio de 1852, antes mesmo da inauguração do Hospício de Pedro II, construído na antiga chácara de Vigário Geral, na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro. [4] Passados dois anos de sua inauguração, o Hospício mudou-se para uma chácara junto à ladeira da Tabatinguera, recebendo o nome que ficaria conhecido como “Velho Hospício da Várzea do Carmo”. Desde então o hospício teve como seu administrador o senhor Thomé de Alvarenga que ali permaneceu no cargo até 1868, sendo substituído pelo seu filho Frederico de Alvarenga. Os primeiros médicos do hospício foram os doutores Xavier de Mesquita, João César Rudge e Claro Homem de Mello. Não obstante, como as condições de alojamento do hospício eram insuficientes e até mesmo precárias, visto que o contingente de doentes mentais naquela época crescia assustadoramente, a Câmara autorizou o poder executivo a criar diversas colônias no interior do estado. [5]

Não obstante, Franco da Rocha condenou a atitude do governo alegando que tal medida não surtiria efeito, pois, na verdade, o que se fazia necessário era a urgente criação de um hospital central modelo, estruturado de forma racional e moderna, onde fosse possível realizar pesquisas e prestar uma assistência fortemente orientada pelo uso da ciência e da técnica, aos moldes do sistema médico-psiquiátrico vigente na Europa, sobretudo na França. Nesse sentido, o hospital central seria a coluna dorsal do aparelho junto ao qual deveriam funcionar os asilos-colônias. Franco da Rocha “optava por um hospital com pavilhões isolados, mas interligados, para agudos, em Asilo-Colônia anexo, para crônicos, em pontos afastados da cidade, ou arredores”. [6] Dessa forma, após as inúmeras reivindicações feitas pelo professor Franco da Rocha, o governo adquiriu 70 alqueires de terra junto ao rio Juqueri, cerca de 30 km da capital paulista, onde se iniciou a construção do Hospital a cargo do arquiteto Ramos de Azevedo. A construção teve início no ano de 1895 e a primeira colônia agrícola só foi finalizada em maio de 1898.

Assim, o hospício de Juqueri foi inaugurado no ano de 1898. Por incumbência do governo do Estado de São Paulo, Franco da Rocha traçou o plano de assistência aos alienados. Durante as três primeiras décadas de funcionamento do hospital, as práticas terapêuticas estiveram mais voltadas para a assistência ao doente mental, é certo que novos métodos de abordagem e investigação sobre a doença mental ganharam espaço, mas o discurso médico-psiquiátrico ainda estava voltado para o modelo assistencial, aos moldes da psiquiatria francesa, pineliana sobretudo. [7] Os discursos e práticas psiquiátricas nas primeiras décadas de funcionamento do Hospital de Juqueri basearam-se, pois, nas formações teóricas e acadêmicas de seu fundador Franco da Rocha.

Franco da Rocha e a Psiquiatria

Francisco Franco da Rocha nasceu na cidade de Amparo, Estado de São Paulo, no dia 23 de agosto de 1864. Filho de José Joaquim Franco da Rocha e de Maria Izabel Galvão Bueno Franco da Rocha, desde cedo

demonstrava grande inteligência e um particular apreço pelos livros e pela leitura. Atitude que mais tarde concorria para a sua posição de destaque no cenário intelectual brasileiro.

Concluído os seus estudos ginasiais no Colégio Morton, em São Paulo, Rocha seguiu para o Rio de Janeiro onde se matriculou, ainda muito jovem, na Faculdade Nacional de Medicina. Após anos de dedicação aos estudos, obteve o grau de doutor em medicina em dezembro de 1890. Sua passagem pelo Rio de Janeiro foi de fundamental importância para sua carreira, haja vista que foi ainda estudante que teve o seu primeiro contato com o ramo da Psiquiatria apresentando uma notável curiosidade para as questões de psicopatologia. Tal curiosidade não escapou aos olhos do professor Teixeira Brandão, que o fez interno do Hospital Dom Pedro II no Rio de Janeiro.[8] Tendo ele ficado bastante satisfeito pelo trabalho realizado no hospital e desejoso de aprofundar os seus conhecimentos, ocupou o lugar de assistente na Casa de Saúde Dr. Eiras, cujos serviços psiquiátricos eram dignos de bons conceitos na então capital federal e em todo o país, onde permaneceu desde o quarto ano até o final de seu curso.

Naquele tempo, o estudo de psiquiatria já ganhava espaço dentro do campo da medicina. Na Europa, especialmente, novas pesquisas revelaram grandes descobertas dentro do campo da medicina mental, como os estudos de Philippe Pinel na França, que acreditava que “todas as doenças, aceitas como tal, são apenas sintomas, e que não poderiam existir perturbações das funções vitais sem lesões de órgãos, ou melhor, de tecidos”. Outro pensamento francês que influenciou grande parte dos psiquiatras brasileiros, inclusive Franco da Rocha, foram os estudos de medicina experimental de Claude Bernard[9], além do positivismo de August Comte[10], da teoria da degenerescência de Morel[11] e Magnan[12] e também os estudos de Charcot[13], sobretudo a respeito das concepções da neurose.[14] Mais tarde os estudos sobre a histeria realizados por Bleuler e seu discípulo Sigmund Freud também tiveram um espaço importante dentro do pensamento psiquiátrico brasileiro. Além disso, na Alemanha, novos estudos sobre a psiquiatria genética, que procuravam compreender como a genética e a química do cérebro eram capazes de tornar uma pessoa doente, começaram a invadir o campo acadêmico daquele país e fazendo as suas idéias se espalharem por outros países da Europa, pelos Estados Unidos e o próprio Brasil. Dentre os autores alemães destacam-se, principalmente, Kraepelin[15] e Griesinger[16] que imprimem uma visão sistemática das psicoses. O Brasil ainda recebeu forte influência do pensamento italiano, de Lombroso[17] especialmente, no campo da antropologia e da criminologia.

Em sua passagem pelo Rio de Janeiro, Franco da Rocha teve um contato direto e marcante com estas teorias bebendo tanto na fonte da psiquiatria francesa quanto nas referências alemãs, contato este que nortearia sua prática médica durante todo o tempo em que permaneceu na direção do hospital de Juqueri. Muitas vezes, as teorias eram fusionadas tornando possível perceber nos textos de Franco da Rocha tanto referências teóricas da psiquiatria francesa quanto da alemã. No dia 30 de maio de 1896, por exemplo, Franco da Rocha comunicou ao secretário do interior a aquisição de nove volumes, que constituíam a obra completa do professor Charcot, dizendo o seguinte:

Essas obras são um repertório riquíssimo de informação sobre moléstias nervosas e mentais e seu respectivo tratamento. Comunico-vos também que vou fazer a aquisição de alguns objetos indispensáveis para as necropsias e que, de hoje em diante, procederei à necropsia sobre todos os cérebros de indigentes que aqui falecerem, visto ser isso um complemento necessário ao estudo de psiquiatria.[18]

A importância de mostrar as influências sofridas pela psiquiatria brasileira, e recordar os pensadores que marcaram a formação de Franco da Rocha e outros psiquiatras do Juqueri, é permitir compreender a prática psiquiátrica que se implantou no hospital de Juqueri após a sua fundação, pois toda esta prática foi marcada pelo pensamento de seu idealizador. Tendo ele terminado os seus estudos superiores na antiga capital não lhe faltaram convites para permanecer no Rio de Janeiro, mas os seus desejos eram outros, o que Franco da Rocha idealizava, na verdade, era a construção de um hospital modelo em São Paulo, onde a assistência psiquiátrica era ainda muito primitiva. Assim, retornou a São Paulo dedicando-se então à sua especialidade, que era a psiquiatria, sendo nomeado médico do Hospício de alienados de São Paulo, ascendendo a diretor no ano de 1896 tendo exercendo este cargo até 1923. O prédio no qual o Hospício estava instalado – o velho casarão da Várzea do Carmo – não oferecia comodidade suficiente para atender às demandas de alienados que necessitavam de assistência médica-psiquiátrica naquela época.

Foi na tentativa de solucionar este grande problema que Franco da Rocha desenvolveu uma incisiva campanha através de diversos artigos publicados em jornais como “O Estado de São Paulo” e “Correio Paulistano”, denunciando as péssimas condições de assistência no interior do Hospício de alienados, reivindicando a necessidade da construção de um hospital moderno que possibilitasse o desenvolvimento de pesquisas científicas e assistência digna e especializada aos doentes mentais.

Dessa campanha resultou a sucursal de Juqueri, que funcionou em caráter provisório em uma chácara em Sorocaba. Construído na cidade de Juqueri, a cerca de 30 km da capital paulista, o Hospício de Alienados foi inaugurado no dia 18 de maio de 1898. Tratava-se de uma colônia agrícola, que seguia o modelo europeu de “open-door”, ou seja, um hospital onde os internos pudessem circular livremente pelas suas intermediações, sem precisar ficar confinados em celas. No período de sua inauguração, o hospital contava com 80 homens que foram transferidos do asilo sucursal de Sorocaba, para onde tinham ido em 1896. O Hospital Central de Juquery, com pavilhões para assistência clínico-terapêutica em regime fechado, só seria inaugurado três anos depois, no dia 16 de maio de 1901 com a inauguração da ala direita (ala masculina), contando com 160 alienados, e com seu funcionamento o Hospício da Capital foi finalmente extinto. No dia 24 de agosto de 1903 deu-se a inauguração da ala esquerda (seção feminina), contando com a presença de 289 internas. Segundo Fraletti “a população nosocomial, nesse dia, era de 725 doentes”.^[19]

O grande asilo foi construído em um local amplo e aberto, com colônias e fazendas, o que possibilitaria uma assistência familiar em lugar adequado. Franco da Rocha tornou-se, nessa feita, o pioneiro na América do Sul do regime de liberdade para alienados. Dessa maneira, os serviços se estenderam e, aos poucos, novas unidades de tratamento foram criadas. Em 1917, por exemplo, foi criado o Pavilhão de Menores, não obstante só inaugurado em 1921. Até então, era comum e corriqueira a convivência dos menores junto aos adultos. Em 1923 contava o conjunto hospitalar com cinco colônias para crônicos.

Desde o ano de 1899, Franco da Rocha passou a residir junto ao Hospital de Juqueri onde permanecia a maior parte do seu tempo envolvido com suas atividades científicas, clínicas e administrativas.^[20] Pensava ele que “a felicidade do alienado, entregue aos seus cuidados, quando a sua ciência não lhe permitia curar, era a sua única preocupação”. Seguindo os preceitos de Pinel, de quem sofreu forte influência, acreditava que a assistência psiquiátrica para ser efetiva deveria prezar pela dignidade e humanidade do doente. E tal dignidade só seria possível se o indivíduo fosse retirado das celas, como acontecia anteriormente, e vivesse em liberdade. Isto porque “a ocupação ao ar livre, que lhes concede a aparência de liberdade, diminui-lhes extraordinariamente a angústia, a ansiedade, o mal estar que os atormenta na prisão sem trabalho”.^[21]

Não obstante, embora o maior interesse fosse a promoção da assistência médica e psiquiátrica ao doente mental, convém lembrar que a prática psiquiátrica no interior do asilo nunca esteve totalmente alheia ao desenvolvimento técnico e científico, métodos de diagnósticos, além daqueles utilizados para medir as relações entre as causas e efeitos da doença mental, sempre foram muito utilizados, mas sempre afirmando a idéia de que o hospício é quem cura. Na verdade o discurso da psiquiatria no período de Franco da Rocha aliou, de certa forma, a assistência pública asilar ao desenvolvimento científico, mas este discurso só se transformou efetivamente em prática médica e clínica psiquiátrica após a saída de Franco da Rocha e a entrada de Antônio Carlos Pacheco e Silva na diretoria do hospital.^[22]

É certo que o interesse em armar em São Paulo uma rede de assistência psiquiátrica moderna, aos moldes do Dom Pedro II no Rio de Janeiro e dos hospitais europeus e americanos do final do século XIX, sempre esteve presente desde a inauguração do hospício. Pode-se dizer até mesmo que o maior objetivo da criação desse grandioso complexo hospitalar era o desenvolvimento da pesquisa científica no âmbito das doenças mentais a partir do qual seria possível contribuir com o almejado desenvolvimento da Psiquiatria no país. O que Franco da Rocha visava era o desenvolvimento da ciência psiquiátrica, através de um controle sistemático das moléstias mentais. Para tanto, fez-se necessária a interlocução do laboratório de anatomia patológica das moléstias mentais. Em 1896, Franco da Rocha já demonstrava essa preocupação com o progresso científico acerca das doenças mentais: “Para não continuarmos na pouca louvável ignorância, como até aqui, certas despesas são inadiáveis neste novo hospício: - Tal é a criação de um laboratório histo-químico para o estudo da anatomia patológica e da patologia experimental”.^[23]

Nota-se, pois, nas palavras do fundador do hospício, a preocupação em retirar a loucura dos “porões”, como era de costume anteriormente, por exemplo, nas Santas Casas de Misericórdia, onde os doentes mentais eram depositados sem cuidados específicos dividindo espaço não apenas com outros alienados, mas também com mendigos e portadores de diversos tipos de enfermidades. Além disso, ao colocar o problema como sendo de saúde pública, evidencia a necessidade do repasse por parte do governo do estado de verbas para custear as despesas decorrentes da implementação de uma infra-estrutura adequada para a realização das pesquisas científicas. Dessa maneira, chama os poderes públicos a investir na assistência aos doentes mentais. Isto fica bem claro em suas palavras pronunciadas em 1908:

A assistência a alienados é um problema de assistência social que, como quaisquer outros, reclama continuamente a atenção dos poderes públicos (...). Neste turbilhão de atividade sôfrega, no comércio, na lavoura, na indústria, nas especulações, etc., onde vencem uns e tombam outros, não faltam os momentos propícios para a eclosão da demência. Os centros populosos, com sua agitação de progresso, têm atrativos especiais para toda a espécie de degenerados (Franco da Rocha apud VIEIRA, 1934-35, p. 22).

Franco da Rocha fala da necessidade dos poderes públicos subvencionarem continuamente a assistência aos doentes mentais e desafortunados de todas as sortes. Como ele acrescenta:

(...) Os postos policiais cheios de insanos, acumulados numa lastimável promiscuidade, sem assistência de que precisam, devem forçosamente empanar o brilho de tanta coisa boa e bem organizada que, realmente, existe em São Paulo. Nenhuma despesa melhor se justifica, que a destinada a socorrer os infelizes dementes. Não há necessidade de luxo; este seria mesmo censurável, tratando-se de gente que só carece do necessário conforto e cuidado que nas cadeias e postos policiais é impossível dar-lhes.

Demonstra grande preocupação em dotar a cidade de São Paulo de um modelo de assistência psiquiátrica que estivesse à altura da cidade moderna. Além disso, defende a importância dos espaços específicos para o tratamento da doença mental mostrando que a reclusão dos “degenerados” nas celas insalubres das cadeias e postos policiais só servia para privar estes indivíduos de seu direito de assistência médica e psiquiátrica, específica adequada e sistematizada. Dessa maneira, ele sugere ao governo do Estado a criação de um imposto destinado à assistência desses alienados de todas as sortes:

(...) Um imposto especialmente destinado à assistência aos insanos, como se faz em outros países dará ao Governo os recursos necessários para a organização desse serviço, que é hoje de iniludível urgência. Merece sério estudo esta criação de um imposto, como se faz na Escócia, onde os insanos são muito bem cuidados. E pergunta: Não haverá um legislador que queira deixar seu nome ligado a tão boa obra? Acreditamos que sim.

Os locais de exclusão seriam, dessa forma, substituídos por um local de assistência mais sistemático, onde a preocupação primordial seria o desenvolvimento de pesquisas científicas que visariam um processo de intervenção e tratamento do doente e da doença mental com maior rapidez, categoria e eficiência. Para tanto a implantação de um laboratório era de fundamental importância: “Um hospício sem essa dependência não é um estabelecimento guiado por idéias científicas; será, quando muito, uma gaiola de loucos. Isso não quadra com o progresso e o bom nome de São Paulo entre os Estados do Brasil”.

Nessa passagem, a preocupação com o progresso fica bastante evidente, o hospício enquanto “gaiola de loucos” só servia, até aquele momento, para manchar o nome e a reputação da Psiquiatria brasileira. Preocupado em desenvolver uma nova configuração do imaginário brasileiro acerca da Psiquiatria, Franco da Rocha mostra-se preocupado com a construção de um bom nome, claro e limpo da Psiquiatria, sobretudo do estado de São Paulo, através do rigor científico, assim como mandam as leis do progresso. Segundo Franco da Rocha, a exploração do “campo vastíssimo” da anatomia patológica só seria possível, através da utilização dos métodos e instrumentos modernos oferecidos pela ciência, assim como já vinha ocorrendo na França e em outros países europeus. Ignorar estes métodos específicos seria permitir que a loucura e o louco permanecessem nas “gaiolas”. Uma grande violência contra a integridade humana, tanto física (corpo) quanto do espírito e da alma.

Caberia ao poder público, nesse sentido, a competência de providenciar as medidas necessárias para a consolidação desse novo aparelho de classificação, compreensão e tratamento das moléstias e dos indivíduos com adoecimento psíquico.

Dessa forma, o interesse com a implementação desse novo aparelho não deveria ser somente dos médicos, mas de toda a população. Como justifica Rocha: “A observação de todos os doentes, registradas em livros especiais e completadas, quando for possível, pelas autópsias, constituirão para o futuro, materiais preciosíssimos”. [24]

Ao mostrar-se claramente preocupado com o futuro da ciência, Rocha evidencia a necessidade da construção de “Memórias da Psiquiatria”, que permeassem no âmbito coletivo e social, não como uma história da exclusão, mas como uma história da evolução e do avanço da ciência frente às doenças mentais. A construção de um discurso médico-psiquiátrico acerca da loucura, subsidiado pela ciência e seus métodos específicos e rigorosos, era de grande importância para que a história da Psiquiatria, em São Paulo e no Brasil, fosse vista, futuramente, com bons olhos, como um exemplo e modelo a ser seguido.

Não obstante, foi somente no ano de 1922, depois de vinte e seis anos de insistentes solicitações ao governo do Estado de São Paulo, que Franco da Rocha pôde fazer suas considerações. Em relatório enviado ao secretário de Interior, ele fez as seguintes observações:

Quando há trinta anos, planejei a reforma completa da assistência aos alienados de São Paulo, tive em mente um grande projeto constituído de duas partes: a primeira seria a organização material do Hospital, com suas colônias agrícolas anexas e a assistência familiar e econômica, barata, à moda de Gheel e da Escócia. Esta parte realizei com toda firmeza e segurança, realização hoje provada pelo atual Hospício de Juquery com sua organização administrativa sólida modelar. Nisso consumi a melhor parte de minha vida, segregado da sociedade, para entregar-me, de corpo e alma, a esse trabalho. [26]

E mais adiante ele acrescenta: “(...) Agora o maior trabalho deverá encontrar-se na outra parte, na organização científica, que será a chave da abóbada deste grande edifício. Esta já foi iniciada. O Laboratório é o pivô sobre o qual terão de se apoiar o surto científico e o progresso do Hospício”. [27] Novamente a preocupação com o avanço científico e com o progresso da ciência Médico-psiquiátrica aparece como norte do discurso de Franco da Rocha. Nota-se que o laboratório surge como sendo o lugar mais importante do Hospício; o comando executivo de onde nasceriam as maneiras adequadas de intervenção no âmbito de suas intermediações, a saber, o resto do hospital. Poderia ser pensado como um sistema nervoso central, comandado por um grupo especializado, analogamente o cérebro, de onde partiriam todos os comandos após a decodificação dos estímulos e informações que lhe chegam. Grosso modo, o laboratório seria o centro, o cérebro, do aparelho, responsável pela decodificação das informações que lhe chegam e, a partir de então, fazer intervenções no sentido de reafirmar comportamentos aceitos e normais, e suprimir aqueles que são falhos ou então substituí-los por outros mais adequados ou aceitáveis. Enfim, o laboratório aparece como o “carro-chefe” do aparelho Psiquiátrico. Como lembra Pacheco e Silva:

Hoje, não se pode chamar Psiquiatra cientista quem não conheça bem a anatomia patológica das moléstias nervosas e mentais. O laboratório, onde se realizam os estudos das lesões cerebrais, das doenças mentais, como complemento indispensável do estudo clínico no leito da enfermaria, é a seção mais importante de qualquer hospício. [28]

Neste sentido, a figura do laboratório como o lugar de realização das mais diversas pesquisas científicas é de fundamental importância. Até porque dá mais credibilidade ao estatuto científico que a doença mental passa a receber neste momento. Nas palavras de Darcy de Mendonça Uchoa:

Com efeito, o laboratório de anatomia patológica do Hospital Central de Juqueri tornou-se motivo de honra e glória dum hospital que, no gênio realizador de Franco da Rocha, se projetaria internacionalmente como um dos mais importantes hospitais psiquiátricos do mundo, graças ao trabalho e competência de uma excelente equipe de médicos generalistas, neurologistas e psiquiatras dotados de talento para a pesquisa e para o ensino. [29]

Neste novo espetáculo, o laboratório aparecia como personagem principal, enquanto as outras instâncias e imediações do Hospital apareciam como coadjuvantes. Mas sem o embate entre ambos jamais seria possível a geração de significados.

Com a utilização dos métodos rigorosos da ciência, talvez fosse possível chegar a uma verdade sobre a doença mental, e assim seria mais fácil identificá-la, classificá-la, controlá-la ou, até mesmo, curá-la. Afinal de contas este é o objetivo maior do estabelecimento de um plano de avaliação e tratamento da doença mental, senão curá-lo, em alguns casos isso não é possível, pelo menos reabilitá-lo para que fosse possível devolvê-lo à sociedade com a garantia de que não causaria mal nenhum a si mesmo nem aos outros.

Não obstante, embora Franco da Rocha mantivesse esta recorrente preocupação com o avanço técnico e científico, sua orientação esteve predominantemente voltada para o asilo. Quer dizer, as pesquisas deveriam ocorrer no interior do hospital sem transpor aos seus muros. Não estava preocupado com o ensino em psiquiatria nas academias, até porque naquele período a faculdade de medicina da Universidade de São Paulo ainda não tinha sido fundada,[29] ele pensava que o ensino psiquiátrico deveria ocorrer dentro dos muros do hospital, sendo que o médico psiquiatra teria sua formação a partir de sua prática diária, através do contato direto com o paciente e com as diversas patologias. Esta conduta reflete a grande influência que sofreu do pensamento psiquiátrico francês. Isto porque, segundo Ana Teresa Venâncio:

(...) a excelência do conhecimento psiquiátrico francês destacava a importância da atuação na assistência pública, enquanto que, no caso alemão, ressaltava-se muito mais intensamente a necessidade de atuação no espaço acadêmico estrito senso, fundada na pesquisa científica, como forma de produção do ethos de psiquiatria.[30]

No entanto, convém lembrar que esta não foi uma realidade apenas da psiquiatria paulista, muito ao contrário, como foi mostrado anteriormente, este modelo asilar, de influência francesa, esteve presente em praticamente todo o país marcando o pensamento psiquiátrico brasileiro durante toda a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. O que torna o caso de São Paulo mais conhecido é que a cidade ocupava um lugar importante no campo cultural, político, econômico e social do país e, além disso, o Juqueri sempre figurou entre as maiores e mais importantes instituições psiquiátricas e hospitalares do Brasil, recebendo pessoas de vários lugares do país.[31]

A assistência pública aos doentes mentais também teve no Brasil um caráter disciplinarizador. O hospício assumiu um lugar de grande importância na cura do paciente. Foi construído de forma a possibilitar ao médico e ao psiquiatra o controle total dos doentes e de suas rotinas. Contava com espaços fechados onde era possível internar os pacientes agudos e em crise, além disso, nestes lugares se localizavam os dormitórios e também se dispunha de colônias agrícolas, onde eram realizados os trabalhos de laborterapia, principalmente pelos doentes crônicos que dependeriam do hospital pelo resto de suas vidas. Grosso modo, o hospício de Juqueri, logo depois de sua inauguração era organizado da seguinte forma:

O estabelecimento central dispõe-se de duas seções, a de homens e a de mulheres. Cada seção tem quatro pavilhões que permitem a separação dos insanos de acordo com as conveniências indicadas pelas formas de moléstia. Há, além disso, mais dois pavilhões que contêm as celas para recepção e exame preliminar dos doentes no momento da entrada. Esta seção é anexa às salas de hidroterapia (...) Cada pavilhão tem seu refeitório, sala de permanência, jardim e dormitórios; estes são salões no primeiro andar, a no andar térreo um salão dividido em pequenos quartos, mas com atmosfera comum. Nestes pernoitam os doentes que por qualquer motivo não deixam os companheiros dormir em sossego (...). O pessoal de um pavilhão consta de um enfermeiro encarregado, responsável pelo serviço; sujeitos a este, tantos guardas quantos necessários, na proporção de um para dez doentes. Um enfermeiro chefe responde na seção a seu cargo por todos os encarregados e serve ao mesmo tempo na sala de cirurgia, quando se trata de operações e curativos (...) Aí, no Asilo central, recolhem-se os doentes recentemente admitidos, para os quais se supõe sempre a possibilidade de cura. Todos são sujeitos à cuidadosa observação médica. Uma grande parte deles é submetida ao repouso no leito durante tanto tempo quanto é preciso para se formar juízo sobre a curabilidade ou incurabilidade da moléstia (...) Quando incuráveis, os doentes passavam à Colônia Agrícola, onde foram organizadas várias dependências para fins de laborterapia: plantação de pomar, criação de vacas leiteiras, de porcos e galinhas.[32]

Colocado dessa forma, o hospício pode parecer uma instituição como qualquer outra, mas a sua estrutura não é traçada de forma desprezível, muito ao contrário, possui características particulares que fazem dele um lugar diferente de um hospital convencional, uma escola ou um presídio, por exemplo. É um lugar projetado para funcionar de forma ordenada, em que as hierarquias de poder são claramente definidas e os comportamentos são passíveis de controle.

É certo que o hospício de Juqueri não apresenta uma arquitetura circular com uma torre no centro, mas apresenta muitas semelhanças ao panóptico, descrito por Michel Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* (1977). No panóptico, modelo de prisão existente na Europa no século XIX, existia um prédio circular com uma torre ao centro onde se localizava um guarda. Visando o controle total dos detentos, essa arquitetura foi projetada de forma a possibilitar à pessoa localizada na torre, de visualizar todas as celas enquanto os internos não conseguiam ver uns aos outros. Dessa maneira, eles tinham a sensação de estar o tempo todo sob a mira de olhares atentos que advinham da torre de controle. A eficiência do controle nesta estrutura disciplinar, no entanto, não consistia exatamente no olhar que vinha da torre, mas do condicionamento que este modelo provocava nos indivíduos. Em outras palavras, a eficiência estava no autocontrole dos indivíduos, pois uma vez condicionados a não apresentarem comportamentos inadequados e passíveis de punição, chega um momento em que não precisa nem mesmo colocar um guarda na torre, a sensação de estar sendo vigiado o tempo todo faz o indivíduo a abolir seus comportamentos ilegais e fora da norma.[33]

O hospício, neste sentido, assim como a prisão, visa colocar os indivíduos no plano da norma. Para tanto promove o isolamento, divide os internos por sexo, distribui o tempo e exerce a vigilância constante. A divisão sexual visa resguardar a intimidade e, principalmente, promover um controle do sexo e da sexualidade. A distribuição do tempo tem o intuito de evitar o ócio, que é totalmente condenado no interior do asilo, e dar ocupação aos internos orientando-se pelo ditado popular “cabeça vazia, oficina do diabo”. A vigilância, por sua vez, procura manter o bom funcionamento do hospício e os comportamentos dos indivíduos sob intenso controle. Além disso, o discurso médico procura introjetar na cabeça do interno a idéia de que ele é doente e precisa de tratamento e somente o médico, com todo o seu conhecimento, é capaz de promover a sua cura. Em outras palavras, coloca o indivíduo sob sua tutela e total dependência.

Dito dessa forma, o hospício, assim como o panóptico descrito por Foucault, apresenta uma forma de funcionamento em que as relações de poder são constantes. É um lugar construído por médicos e psiquiatras com o intuito de fazer valer o seu poder que é subsidiado por um saber quase inquestionável. Para tanto retiram o louco do seio da sociedade mantendo-o apenas sob o seu olhar especializado. Não é por acaso que o Juqueri, assim como a maioria dos hospitais psiquiátricos, foi construído em um lugar totalmente afastado do centro da cidade, onde se torna até difícil chegar, para afastar o louco do convívio com o homem normal e ajustado no trabalho e, ao mesmo tempo, mantê-lo ao alcance de seu olhar “onipotente”.

Considerações Finais

A real intenção de Franco da Rocha talvez não venha ao caso no momento, mas sua luta incansável para construir um espaço específico para tratamento da loucura não visou simplesmente a promoção de uma assistência pública, digna, “humana” e solidária ao doente mental, mas visou, sobretudo, a conquista de um espaço onde a loucura seria colocada sob total controle do saber médico e psiquiátrico. Não é uma luta por um espaço físico e geográfico, mas uma luta simbólica em que o principal objetivo seria a consagração do saber médico e a instituição do poder psiquiátrico. O que estava em disputa era a verdade sobre a loucura, e esta verdade para Franco da Rocha, sem sombra de dúvidas, só poderia ser alcançada pela medicina mental.

A fragmentação do espaço em alas específicas para homens e mulheres, a separação entre os internos por tipo de patologias, agudos e crônicos, por classes sociais incluindo-se aí pensionistas e não pensionistas, ou seja, pagantes e não pagantes, tudo isto evidencia o caráter positivista e fortemente analítico do pensamento psiquiátrico que se insere no interior do asilo. É um lugar em que a ideologia médica e psiquiátrica é quem dita as normas e as regras. E qualquer atitude ou comportamento que esteja em desacordo com estas normas previamente estabelecidas, é interpretado como uma manifestação de uma mente louca e ensandecida.

A criação de serviços especializados como a assistência aos jovens delinquentes e, posteriormente, aos psicopatas, que só tiveram um lugar específico em 1933, quando foi fundado o manicômio judiciário, também reflete este interesse em multifacetar as diversas categorias de loucura, colocando seus fragmentos na lupa dos especialistas. Assim, vários serviços foram criados ao longo do funcionamento do Hospital de Juquery, novas construções que se anexavam ao hospital central aumentando o espaço de assistência aos alienados.

Em 1917, por exemplo, iniciou-se a construção do pavilhão de menores, que seria inaugurada somente no ano de 1921. Até então os menores conviviam com os adultos. O início da construção do Laboratório de Anatomia Patológica ocorreu em 1921 sendo inaugurado dois anos depois. Já em 1923 o conjunto hospitalar de Juqueri já contava com cinco colônias para crônicos.[34]

Entretanto, mal ocorreu a consagração do laboratório e era chegada a hora de seu idealizador se aposentar. Depois de mais de vinte anos na direção do hospital, Franco da Rocha entregou aos seus sucessores a direção do hospício. [35]

Na verdade, o que Franco da Rocha fez foi criar um espaço específico para atuação do médico e do psiquiatra na cidade de São Paulo, preparar o terreno para a prática da ciência médico-psiquiátrica e reafirmar o saber e o poder da medicina sobre as doenças mentais. Pretendeu desmontar o discurso da medicina popular, apagar as memórias da psiquiatria baseada no modelo asilar, caótico e excludente, e construir um discurso positivo que livrasse a psiquiatria e a medicina dos grandes erros que cometeu no passado. Daí a necessidade da construção de um veículo de expressão do pensamento científico do corpo clínico do Hospital de Juqueri, que foram os Arquivos de Memórias do Hospício de Juqueri, revista que logo se transformou numa das principais fontes da memória científica da psiquiatria paulista, retratando o desenvolvimento da psiquiatria em São Paulo e instituindo o poder médico sobre a loucura.

Franco da Rocha se aposentou no ano de 1923 deixando o Hospital de Juqueri sob a direção de Antônio Carlos Pacheco e Silva, indicado pelo próprio Franco da Rocha para ser o seu sucessor. O novo diretor do Hospício buscou renovar e ampliar a assistência aos doentes mentais através da criação de novos serviços e setores. O impulso às atividades científicas foi dado logo de início tornando sistemáticos os exames de sangue e liquor, pela importância do diagnóstico da sífilis naquele momento. No que diz respeito ao ensino, Pacheco e Silva organizou um curso de Psiquiatria e Neurologia, com a realização de aulas às quintas-feiras, aulas estas assistidas por médicos de São Paulo, que já vinham se destacando na especialidade. Prova destes estudos e pesquisas foi a criação do periódico científico “Memórias do Hospício de Juqueri (depois Arquivos da Assistência a Psicopatas) que publicavam os resultados dessas pesquisas”.

Sua grande preocupação com o desenvolvimento de um modelo psiquiátrico calcado no cientificismo visava afastar a Psiquiatria das práticas populares de intervenção sobre a loucura, tais como o curandeirismo e outras práticas clandestinas, como a bruxaria, por exemplo. A relação entre o saber e o poder, tão discutida por Foucault, tornou-se clara nesse sentido. Era objetivo da Medicina e da Psiquiatria, através do uso dos métodos científicos, alcançar um saber exclusivo sobre a loucura para, a partir daí, exercer um poder incontestável sobre ela.

Franco da Rocha faleceu no dia oito de novembro de 1933, na cidade de São Paulo, depois de decorridos mais de trinta anos da fundação do Hospital de Juqueri. Para o campo da Psiquiatria ele deixou grandes contribuições científicas e para os seus sucessores deixou grandes ensinamentos, sendo posteriormente reconhecido pelos seus sucessores como o Mestre Franco da Rocha. Em discurso pronunciado à beira do túmulo do Professor, o Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva relembra em tom choroso as grandes contribuições deixadas por este homem de ciência, tecendo elogios e agradecimentos ao professor que muito contribuiu para a sua formação como médico, psiquiatra e ser humano.

NOTAS:

[1] Antes das Casas específicas para tratamento dos doentes mentais, eles eram internados nas Santas Casas de Misericórdia e mantidos em celas ou quartos gradeados juntamente com outros tipos de doentes. Foi o que aconteceu, por exemplo, no Rio de Janeiro, São João Del Rey, Recife, Salvador e Santos. Segundo Franco da Rocha, em São Paulo, os alienados nunca estiveram presentes no interior das Santas Casas de Misericórdia. No entanto, de acordo com Paulo Fraletti a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo asilava doentes mentais, só que através de um tipo especial de isolamento, em compartimentos individuais, isolados, fora do Hospital e da Casa de Expostos da Irmandade, isto, quando tinham pecúlio próprio, e já em 1929. No caso de indigentes, forneciam auxílio para serem trados em casa. Além disso, “houve em São Paulo um Recolhimento para insanos, tipo Asilo provisório, instalado em 1929, mantido pela santa Casa, com auxílio da municipalidade, em casa separada do Hospital, sob aluguel e previamente adaptada. Foi o primeiro Asilo de Alienados no Brasil. Funcionou, provavelmente, até 1836 e, com boa margem de certeza, até 1848, senão até mais tarde”. (Cf.: FRALETTI, Paulo. Juqueri: passado, presente, futuro. *Arquivos de Saúde Mental do estado de São Paulo*, vol. XLVI, jan./dez. de 1986-1987).

- [2] FACCHINETTI, Cristiana. *Hospital Nacional de Alienados*. Discursos e práticas para a sociedade brasileira.
- [3] Alusão ao trabalho de Yonissa Marmitt Wadi. *Palácio para guardar doidos: uma história da luta pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002.
- [4] Segundo Fraletti (1986/87, p. 161) os asilos de São Paulo e do Rio de Janeiro foram instalados ambos no ano de 1852, com vantagem de sete meses para o de São Paulo. No entanto, o Hospital de Pedro II no Rio de Janeiro já vinha funcionando desde 1841, data de sua criação, em casa da Praia Vermelha, com nove doentes transferidos da Santa Casa de Misericórdia. O que torna o Hospício de Pedro II o primeiro do Brasil é que ele foi o primeiro a ser construído para ser exatamente um estabelecimento para tratamento exclusivo de alienados, e não abrigo provisório, como era em São Paulo.
- [5] Para saber mais, ver: ODA, A. M. G. R.; DALGALARRONDO, P. *História das primeiras instituições para alienados no Brasil*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 12, n. 3, p. 983-1010, set. – dez. 2005.
- [6] FRALETTI, Paulo. Juqueri: passado, presente, futuro. *Arquivos de Saúde Mental do estado de São Paulo*, vol. XLVI, jan./dez. de 1986-1987, p. 163.
- [7] Isto talvez se deva à formação de Franco da Rocha que foi fortemente marcada pelo pensamento europeu, em especial francês, o que acabou lhe rendendo posteriormente o apelido de “Pinel brasileiro”. É por isto que durante o período em que Franco da Rocha esteve na direção do hospital o discurso que prevaleceu foi o asilar, em que o hospital foi pensado como o principal meio de cura.
- [8] Teixeira Brandão era naquela época diretor do Hospício Nacional de Alienados e professor catedrático da cadeira de Moléstias Nervosas da Faculdade Nacional de Medicina. Segundo Vera Portocarrero Brandão tinha uma formação baseada na Psiquiatria francesa, de caráter assistencial, principalmente de Morel que acreditava que no Hospício quem cura é o próprio hospício. PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- [9] Médico e fisiologista francês, considerado um dos principais iniciadores da linha experimental hipotético-dedutiva, formalizada como OHERIC: Observação-Hipótese-Experiência-Resultado-Interpretação-Conclusão. Suas formulações tornaram-se conhecidas depois da publicação de sua obra “Introdução ao estudo da medicina experimental”, em 1865.
- [10] Filósofo francês, conhecido por sua filosofia positivista que nega que a explicação dos fenômenos naturais, assim como sociais, provenha de um só princípio.
- [11] Bénédict Augustin Morel (22 de novembro de 1809 – 30 de março de 1873), foi um psiquiatra franco-austriaco, conhecido por ter sido o primeiro a utilizar o termo *démence précoce* (latim, dementia praecox ou demência precoce) que se referia ao que hoje é conhecido como esquizofrenia. É também conhecido pela sua “teoria das degenerescências”, desenvolvida em seu *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés malades*, publicado em 1857, no qual procura mostrar que algumas doenças são causadas por degeneração.
- [12] Valentin Magnan (Perpignan, 16 de março de 1835 — 27 de setembro de 1916) foi um psiquiatra francês, conhecido por expandir o conceito de degeneração introduzido por Morel. A teoria da degeneração de Magnan foi influenciada pelas teorias biológicas da evolução e pressupostos sobre hereditariedade com suas idéias reunidas na publicação de “*Considérations générales sur la folie des héréditaires ou dégénérés*”, de 1887.
- [13] Jean-Martin Charcot (Paris, 1825 — Morvan, 1893) foi um médico e cientista francês, um dos maiores clínicos e professores de medicina da França. Suas maiores contribuições para o conhecimento das doenças mentais foram o estudo da afasia e a descoberta do aneurisma cerebral e das causas de hemorragia cerebral.
- [14] As teorias psiquiátricas mais conhecidas em São Paulo e no Brasil no século XIX eram a de Esquirol, as teorias organicistas de Magnan e Charcot. Neste sentido, o isolamento era considerado, juntamente com a pedagogia médica, um dos principais meios morais de cura, porque se acreditava que ele agiria sobre o delírio, ou seja, sobre o sintoma. Essas teorias marcaram profundamente os pensamentos não só de Franco da Rocha, mas de todos os médicos do Hospital de Juqueri em finais do século XIX e início do século XX. Para saber mais ver: PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- [15] Emil Kraepelin (5 de Fevereiro de 1856 – 7 de Outubro de 1926) foi um psiquiatra alemão, considerado como o criador da moderna psiquiatria, psicofarmacologia e genética psiquiátrica.
- [16] “Wilhelm Griesinger foi um personagem central na história da psiquiatria alemã. Considerado por muitos como um dos ‘pais da psiquiatria biológica’, sua obra, na verdade, é extremamente complexa, apoiando-se em uma sofisticada teoria do eu e da desestruturação dos processos mentais na psicopatologia.” Cf. PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Griesinger e as bases da primeira psiquiatria biológica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, vol. 10, n. 4, p. 685-691, dez. 2007.
- [17] Cesare Lombroso (1835-1909) foi um médico, cirurgião e cientista italiano, conhecido no campo da psiquiatria pela sua teoria do “criminoso nato”, que preconiza que, pela análise das características somáticas seria capaz prever quais indivíduos seriam estariam dispostos a cometer crimes.
- [18] Apud YANH, Mário & OLIVEIRA, Geraldo de. Resumo da História da Assistência a Psicopatas no Estado de São Paulo. *Arquivos da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*. Vol. XIII-XIV, janeiro-dezembro 1948, p. 22.
- [19] FRALETTI, Paulo. Juqueri: passado, presente, futuro. *Arquivos de Saúde Mental do estado de São Paulo*, vol. XLVI, jan./dez. de 1986, p. 63.

- [20] Fala Pacheco e Silva que o professor Franco da Rocha tinha horror ao fausto e ao luxo vivendo ele em grande modéstia, num culto perene à família. Mantinha uma paixão enorme pela filosofia, o que influenciou profundamente grande parte de sua obra. Era um homem sério e bastante dedicado às ciências, o que lhe dava a forte aparência de um homem distante e frio. No entanto, como mostra Pacheco e Silva: “De tímido, discreto, severo, só aos que tinham a ventura de entrar na sua intimidade era dado conhecer a sua natureza acolhedora e sensível, sem ser transbordante, de uma grande bondade, que se escondia sob aquela aparência fria e reservada.” Cf. PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. Franco da Rocha e a psiquiatria. *Memórias do hospital de Juquery*. São Paulo: Oficinas gráficas do Hospital de Juquery, 1934-1935, ano XI-XII, n. 11-12.
- [21] Apud PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. Franco da Rocha e a psiquiatria. *Memórias do hospital de Juquery*. São Paulo: Oficinas gráficas do Hospital de Juquery, 1934-1935, ano XI-XII, n. 11-12, p. 12.
- [22] As pesquisas científicas tornaram-se mais intensas após a inauguração do Laboratório de Patologia no ano de 1923, ano em que Antonio Carlos Pacheco e Silva sucede Franco da Rocha na direção do Hospício.
- [23] Apud PACHECO E SILVA, A.C. Contribuição para o estudo do treponema pallidum no córtex cerebral dos paralyticos geraes. *Memórias do Hospício de Juquery*. Ano I, numero 1, São Paulo, 1924, p. 9.
- [24] Apud PACHECO E SILVA, A.C. Contribuição para o estudo do treponema pallidum no córtex cerebral dos paralyticos geraes. *Memórias do Hospício de Juquery*. Ano I, numero 1, São Paulo, 1924, p. 9.
- [25] Apud PACHECO E SILVA, A.C. Contribuição para o estudo do treponema pallidum no córtex cerebral dos paralyticos geraes. *Memórias do Hospício de Juquery*. Ano I, numero 1, São Paulo, 1924, p. 9.
- [26] Idem.
- [27] Apud PACHECO E SILVA, A. C. Contribuição para o estudo do treponema pallidum no córtex cerebral dos paralyticos geraes. *Memórias do Hospício de Juquery*. Ano I, numero 1, São Paulo, 1924, p. 10.
- [28] UCHÔA, Darcy de Mendonça. Organização da Psiquiatria no Brasil. São Paulo: Sarvier, 1981, p. 49.
- [29] Segundo Márcia Regina da Silva a primeira proposta de instalação de uma academia de Medicina e cirurgia na cidade de São Paulo foi feita em 1891 pela lei n. 19 de 24 de novembro, como parte de um plano de governo estadual de reorganização do ensino superior. No entanto, somente em 1911, com a aprovação da Lei Rivadávia Corrêa, após muita luta, é que foi possível instituir o ensino livre através da criação de escolas particulares que ministravam diversos cursos, entre eles o de Medicina. A USP só seria criada em Novembro de 1911 pelo médico Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães, possuindo diversas faculdades, dentre elas as de Medicina. Ver SILVA, Márcia Regina da. *O ensino médico em São Paulo e a criação da Escola Paulista de Medicina*. História ciências, saúde. Rio de Janeiro: Manguinhos, vol. VIII (3): 543-568, set-dez. 2001.
- [30] VENÂNCIO, Ana Teresa A. *Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Vol. 10, n.3, Rio de Janeiro: Set. – Dez. 2003, p. 4.
- [31] Ver SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- [32] RUSSIANO, Ubirajara. Juquery desde a sua fundação. *Arquivos da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*. Franco da Rocha – São Paulo: Oficinas Gráficas da Assistência a Psicopatas, vol. XIII-XIV, n. único, janeiro-dezembro de 1948, pp. 10-11.
- [33] Ver FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- [34] Ver FRALETTI, Paulo. *Juquery: passado, presente, futuro. Arquivos de Saúde Mental do estado de São Paulo*, vol. XLVI, jan./dez. de 1986.
- [35] Franco da Rocha se aposentou no ano de 1923 deixando o Hospital de Juquery sob direção de Antônio Carlos Pacheco e Silva, indicando pelo próprio Franco da Rocha para ser o seu sucessor. Franco da Rocha faleceu no dia oito de novembro de 1933, na cidade de São Paulo, depois de decorridos mais de trinta anos da fundação do Hospital de Juquery. Para o campo da Psiquiatria ele deixou grandes contribuições científicas e para os seus sucessores deixou grandes ensinamentos, sendo posteriormente reconhecido pelos seus sucessores como o Mestre Franco da Rocha.

© 2002 - 2011 Revista Cantareira - Todos os direitos reservados.

Os direitos dos artigos publicados nesta edição são propriedade exclusiva dos autores.

Esta obra pode ser obtida gratuitamente no endereço web da revista. Pode ser reproduzida eletronicamente ou impressa, desde que mantida sua integridade.